

**Depoimentos confirmam a infiltração de agitadores na greve em Leme**

Depoimento tomado quarta-feira pelo delegado seccional de Rio Claro Adolfo Magalhães Lopes, confirmou a infiltração de agitadores profissionais na mobilização que antecedeu o conflito entre trabalhadores rurais e policiais militares em Leme, no dia 11 de julho.

A presença de pessoas estranhas ao movimento dos bóias-frias foi denunciada por José Francisco Vaz, que, preso na manhã daquele dia, confirmou ter ouvido de um menor, também recolhido à delegacia de polícia pelo mesmo motivo, "que recebia dinheiro de um homem de São Paulo para provocar agitação e que havia conseguido dar uma pancada no braço de um policial".

A troca de informações entre as pessoas detidas por policiais militares na manhã do dia 11 não ficou só nisso. Esse mesmo menor, não identificado por José Francisco Vaz — que diz trabalhar na distribuição beneficente de alimentos aos carentes —, informou que certa vez "recebeu Cz\$ 150,00 de um elemento de São Paulo, que não sabe quem é, mas que uma certa dona Vani poderia identificá-lo". Nessa conversa, o menor garantiu saber que o homem é de São Paulo devido à chapa de um Maverick de cor bege que ele sempre utilizava.

Ainda segundo o depoimento de José Francisco Vaz, esse menino teria declarado que as pessoas que o pagavam "sumiram". Ele foi textual ao repetir as palavras do rapaz. "Eles puseram fogo no mato, fizeram a confusão e deixaram os trabalhadores da mesma maneira".

Na continuidade da tomada de depoimentos das pessoas envolvidas no conflito de Leme, o delegado Adolfo de Magalhães Lopes ouviu oito pessoas e algumas delas, como o próprio José Francisco Vaz, confirmaram ter sido sujeitas a atos de violência praticados pelos policiais militares. José Francisco afirmou que ao ser preso foi encostado a uma parede, com as mãos sobre a cabeça, enquanto era revistado, e logo em seguida ameaçado com disparos para o chão, junto a seus pés. Ele disse que não tem condições de identificar esses policiais e que um amigo de nome Alberto, preso na mesma oportunidade, comentou que "o que nós fizemos de mal foi ter um pedaço de pau, uma garrucha e uma faca".

Outro depoimento importante foi o de Maria Gonçalves Daniel de Lima, mulher do soldado Lima, que no dia 11 denunciou a invasão de sua casa, no bairro Bonsucesso — onde ocorreu o conflito — pelos bóias-frias revoltados com os acontecimentos. Maria Gonçalves negou que sua casa foi invadida ou que ela ou seus filhos tivessem sofrido qualquer tipo de represália, mas afirmou que diante da aglomeração à sua porta acabou refugiando-se na casa de uma vizinha.

O delegado disse ontem que na próxima quarta-feira serão interrogadas mais 18 pessoas. Magalhães Lopes explicou que essas testemunhas foram citadas em boletins de ocorrência elaborados nos dias que antecederam imediatamente o incidente na manhã de 11 de julho. "São elementos que participaram de piquetes e se envolveram em atritos com policiais a partir do dia 7, quando o movimento grevista se acentuou." É provável que, após esses depoimentos, comecem a ser ouvidos integrantes da Polícia Militar.

**Criminalística**

O exame de balística comparativa entre as armas de policiais militares e os seis projéteis retirados dos corpos dos mortos e feridos no conflito de Leme poderá ser transferido para o Instituto de Criminalística, em São Paulo. Segundo o perito Gumerindo Betti, chefe da divisão

da Polícia Técnica de Campinas, se os testes forem realizados na sua unidade — onde já estão dez das 58 armas que deverão ser examinadas —, "torna-se impossível prever o prazo de emissão do laudo". A principal dificuldade enfrentada por Betti é a falta de pessoal e equipamento. Ele dispõe apenas de dois peritos e de um microscópio para executar as 348 análises que o caso requer. Isso porque cada arma será disparada uma vez e os 58 projéteis terão de ser comparados com os seis recolhidos em Leme.